

---

## As juventudes do Espírito Santo na imprensa de TV e jornal<sup>1</sup>

Alice BARCELLOS<sup>2</sup>  
Ana Carolina RONCHI<sup>3</sup>  
Edgard REBOUÇAS<sup>4</sup>

Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, ES

### RESUMO

O presente trabalho busca trazer apontamentos sobre a cobertura jornalística dos veículos impressos e televisivos da Grande Vitória no que diz respeito às juventudes capixabas. Define-se as multiplicidades do que é ser jovem e problematiza-se a temática da violência que atinge esse grupo. É notável ao fim, que, no que diz respeito às notícias sobre as juventudes e violências os veículos capixabas impressos e televisivos possuem similaridades, em especial no que tange o caráter descritivos dos materiais e a população jovem e periférica como agente e vítima da violência no Espírito Santo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Juventudes; violência; jornalismo; televisão; impresso.

### INTRODUÇÃO

A garantia dos direitos da cidadania é central para as sociedades contemporâneas, principalmente para superar as desigualdades. Por sua vez, o jornalismo ocupa um papel social importante neste contexto: a narrativa jornalística aproxima, cotidianamente, os cidadãos de seus direitos e deveres. Criseli Montipó (2018), no artigo *Jornalismo e democracia: tensionamentos não democráticos* contribui com uma análise recente sobre a atual situação do jornalismo e democracia no Brasil.

Enquanto mediador de sentidos, o jornalismo deve colaborar para que diversidade e pluralismo de vozes, temas e perspectivas - considerados elementos que incorporam a democracia como um valor - sejam concretizados. Portanto, não há como imaginar a democracia sem cidadania, nem o jornalismo contemporâneo sem ambas (MONTIPÓ, 2018, p.1).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Jornalista, mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo e pesquisadora do Observatório da Mídia: direitos humanos, políticas, sistemas e transparência. E-mail: alicelbarcellos@outlook.com.

<sup>3</sup> Jornalista, mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo e pesquisadora do Observatório da Mídia: direitos humanos, políticas, sistemas e transparência. E-mail: ana.ronchi.acr@gmail.com.

<sup>4</sup> Jornalista, professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da UFES e coordenador do Observatório da Mídia: direitos humanos, políticas, sistemas e transparência. E-mail: edgard.reboucas@ufes.br.

---

O jornalismo no Brasil é testado diariamente, e até mesmo descredibilizado não só pela sociedade, mas pelos próprios governantes. Por isso, é tão importante ressaltar a ligação que há entre o jornalismo e a democracia. Para tanto, é preciso que o próprio jornalismo mostre o quanto é necessário para a sociedade com a presença de diversidade e pluralidade de vozes.

Montipó (2018, p. 9) afirma ainda que “a mídia independente e plural é condição indispensável para um sistema político democrático”, porém, no Brasil, o sistema midiático hegemônico é concentrado nas mãos de poucas pessoas, o que influencia o modo como a democracia é exercida pelo jornalismo.

Considerando que o cidadão é o maior interessado no jornalismo, e é para ele que o jornalismo deve existir, o presente trabalho pretende chamar atenção para como os veículos jornalísticos da Grande Vitória representam as juventudes e, principalmente, como relaciona o jovem às violências urbanas. Este estudo trabalha com o conceito de “juventudes”, no plural, partindo da ideia de que não existe uma única juventude, e sim múltiplas formas de juventudes. A antropóloga Regina Novaes (2006, p. 105) ajuda nesse entendimento ao afirmar que “qualquer que seja a faixa etária estabelecida, jovens com idades iguais, vivem juventudes desiguais”. Para ela, existe uma diferença de raça e gênero quando o assunto são os jovens, e por isso nem todos vivem a juventude da mesma forma. Os jovens de classe alta não vivem a juventude como o jovem de classe baixa, assim como o jovem que estuda, ou que trabalha, ou que é pai, ou seja, mesmo com a faixa etária que estabelece, de acordo com o IBGE (2016), como jovens os indivíduos de 15 a 29 anos, existem múltiplas formas de se vivenciar a juventude.

Assim, este artigo busca entender quem são esses jovens que aparecem diariamente nos telejornais e jornais impressos capixabas e como essas juventudes são apresentadas. O que a investigação aborda é se o tema juventude está fazendo com que as pessoas entendam os problemas sociais pelos quais os jovens passam, ou se os telejornais apenas contribuem para reforçar estereótipos dos jovens como produtores de violência.

## **AS JUVENTUDES E SUAS DIVERSAS FORMAS DE SER**

Na busca pela compreensão do que é ser jovem, não é possível rotular ou definir o jovem, já que a juventude é vivenciada por cada indivíduo de forma única. Luis

---

Antonio Groppo (2017), que fez um longo estudo sobre as definições da juventude, divide os estudos do tema em fases. Elas começam durante o século XX, onde foi definida uma faixa etária para classificar a juventude, passando a ver a juventude como um corpo rebelde, e chegando até a sociologia da juventude contemporânea, que, de acordo com o autor, é questionada e quase naufraga. Groppo define a juventude como uma categoria social.

Social pelo fato de fazer parte da estrutura social, de formar um grupo, uma coletividade de sujeitos, assemelhados pelo *status* etário intermediário. Também é uma categoria por fazer parte do imaginário social como símbolo (...). A juventude é, na sociologia, uma categoria histórica (GROPPO, 2017, p. 13).

O autor afirma ainda que a juventude é uma categoria histórica, pois a fase é vivida em cada sociedade de forma diferente, de acordo com o grupo que pertence, a época e até mesmo a classe social. Na perspectiva da sociologia da juventude, Groppo afirma que:

O termo juventude indica formas de ser e se relacionar que são reais, ainda quando apenas imaginadas ou desejadas por distintas camadas sociais (...) É toda uma geração que tende a passar por experiências históricas e sociais comuns, compartilhando tais experiências que podem possibilitar uma “unidade de geração” (GROPPO, 2017, p. 84).

Essa definição foi realizada por pesquisadores da teoria crítica da juventude, que passaram a enxergar as potências que são as juventudes e como elas podem se constituir numa revolução para as sociedades. A juventude passou a não ser mais vista como anomalia ou fonte de rebeldia, mas de progresso. “Conceberam a juventude como tempo e momento para a experimentação de papéis sociais, com espaços, institucionalizados ou não, em que há certo relaxamento das normas sociais em relação aos jovens - a moratória social” (GROPPO, 2017, p. 83).

Mesmo definindo uma faixa etária para pensar a juventude, cada indivíduo vive a juventude de forma diferente. Por isso, é importante pensar as juventudes, no plural, assim como pontua Paulo César Carrano (2000):

É bastante comum que a categoria jovem seja definida por critérios relacionados com as ideias que vinculam a cronologia etária com a imaturidade psicológica. A irresponsabilidade seria outro atributo da situação social de jovialidade, particularmente nas idades correspondentes à adolescência. Parece-nos mais adequado, entretanto, compreender a juventude como uma complexidade variável, que se distingue por suas muitas maneiras de existir nos diferentes tempos e espaços sociais (CARRANO, 2000, p. 12).

---

Este artigo trabalha com a perspectiva de considerar as juventudes dentro de todas as possibilidades de vivenciar essa etapa da vida. Assim, o uso da faixa etária adotada é a mesma utilizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em que são considerados jovens os indivíduos de 15 a 29 anos.

A questão a ser problematizada é: diante das diversas possibilidades que envolvem as juventudes, por que a imprensa continua tratando os jovens, na maioria das vezes, sob a ótica da violência? E ainda: que papel as narrativas das mídias hegemônicas exercem sobre isso? Helena Wendel Abramo (2011) afirma que nas últimas décadas os jovens têm sido tema de alta exposição nos diferentes tipos de mídias. Mas antes de analisar como essa categoria social é evidenciada pelos meios de comunicação é preciso entender melhor quais são essas juventudes.

Regina Novaes (2006), afirma que a juventude já é um lugar-comum, e que existem grupos e segmentos juvenis que falam por parcelas da juventude. Ou seja, não se pode afirmar que as juventudes são reconhecidas apenas por uma referência. As referências das parcelas das juventudes são complexas, vão além da faixa etária, ou de uma fase da vida, passando por juventudes que são vividas de formas diferentes.

Para os que não têm direito à infância, a juventude começa mais cedo. E, no outro extremo – com o aumento de expectativas e as mudanças no mercado de trabalho –, uma parte “deles” acaba por alargar o chamado “tempo da juventude” até a casa dos 30 anos. Com efeito, qualquer que seja a faixa etária estabelecida, jovens com idades iguais vivem juventudes desiguais (NOVAES, 2006, p.105).

Os jovens das periferias vivenciam suas juventudes de forma diferente dos jovens de classe média, que moram em bairros mais centrais, por exemplo. Regina Novaes (2006) afirma que a discussão das juventudes passa também pela discussão de classe social. É expressiva a diferença das violências que envolvem os jovens que moram nas periferias e os jovens dos centros urbanos. Além disso, a diferença é muito grande quando o assunto é gênero e cor da pele. Regina Novaes ressalta que “ser pobre, mulher e negra ou pobre, homem e branco faz diferença nas possibilidades de ‘viver a juventude’” (NOVAES, 2006, p. 106).

No Brasil, ser homem, negro e de periferia é estatisticamente diferente do que ser homem, branco e de periferia, e ainda mais desigual se for de centros urbanos. Essas categorias contribuem para que cada um viva a juventude de forma diferente. E por isso, não se deve tentar definir apenas uma juventude, ou ainda, acreditar que somente pela

faixa etária seria possível dar conta da complexidade das juventudes. Assim sendo, convém também realizar a problematização sobre as juventudes e a violência, temática abordada no próximo tópico.

## A VIOLÊNCIA SISTÊMICA E AS JUVENTUDES

“Juventude perdida”. Este é o intertítulo usado pelo *Atlas da Violência* para introduzir os dados da mortalidade de jovens no Brasil. O balanço aponta que os homicídios são a principal causa de mortalidade de jovens (grupo etário entre 15 e 29 anos).

Esse fato mostra o lado mais perverso do fenômeno da mortalidade violenta no país, na medida em que mais da metade das vítimas são indivíduos com plena capacidade produtiva, em período de formação educacional, na perspectiva de iniciar uma trajetória profissional e de construir uma rede familiar própria. Foram 30.873 jovens vítimas de homicídios no ano de 2018, o que significa uma taxa de 60,4 homicídios a cada 100 mil jovens, e 53,3% do total de homicídios do país (ATLAS DA VIOLÊNCIA, 2018, p. 20).

No Espírito Santo, onde o presente estudo se detém com mais atenção – mas não difere muito de outros estados, no geral –, a violência aparenta ser ainda mais devastadora no que diz respeito ao número de homicídios de jovens. Isso, porque, enquanto a taxa nacional é de 60,4 homicídios por grupo de 100 mil, no Espírito Santo a média sobe para 62,8. Comparado a outras localidades o Espírito Santo apresenta índices mais elevados até de estados maiores geograficamente e com maior população, como é o caso de São Paulo e Minas Gerais, por exemplo.

Tais números dão indício da problemática existente no que diz respeito às juventudes e a violência em território capixaba. Como aponta o Instituto Jones dos Santos Neves (2017, p. 13-14), as vítimas dos homicídios no estado “são, majoritariamente, jovens, do sexo masculino, negros, com baixa escolaridade e residentes em bairros periféricos”. O estudo aponta também que as taxas de homicídios têm atingido adolescentes e jovens cada vez mais novos e os delitos têm sido cometidos por esse segmento cada vez mais jovem também.

Estando os jovens capixabas inseridos em uma realidade vulnerável, é necessário compreender como os veículos jornalísticos do Espírito Santo noticiam sobre esse grupo social. Como narrador social, o jornalismo se porta como constituidor de sentidos para ler o mundo que nos cerca. Assim sendo, tem-se o intuito de identificar como os

---

veículos capixabas tecem narrativas sobre as juventudes, especialmente aquelas que estão atreladas à violência.

Ao refletir sobre o fenômeno “violência”, Benilton Bezerra Júnior (2006) pontua que o primeiro passo para seja melhor compreendida é gerar uma desnaturalização do mesmo. Para o autor, quando a violência torna-se tão familiar na sociedade ao ponto de deixar de ser acontecimento para virar paisagem, perde-se o espírito crítico de visualizar a magnitude do problema (BEZERRA JÚNIOR, 2006, p. 43). Nesse viés, o autor reforça que a exclusão econômica sozinha não explica a violência vivenciada nos dias de hoje. Para ele, o fundamental é compreender a natureza simbólica da exclusão na qual boa parte da população está condenada. Fala-se em uma violência fruto da desigualdade, da distribuição injusta de bens e não é que tal afirmativa esteja errada. Ela não é incorreta, apenas é insuficiente, assim como parcialmente verdadeira. “A pobreza só é fonte de violência na medida em que a riqueza econômica e o consumo de bens materiais se tornam valores hegemônicos, deixando todos os demais valores num plano secundário” (BEZERRA JÚNIOR, 2006, p. 45).

Quem também dialoga sobre a violência, especialmente aquela noticiada pelos meios de comunicação é Muniz Sodré (2006). Para o ele, a imprensa não consegue dar a devida dimensão à violência em suas narrativas. Sodré formula que mesmo que a violência social abarque todos os planos (econômico, político e psicológico), as narrativas da mídia acabam por sintetizá-la como simples ato. A violência nunca é analisada como estado de violência e sim como fragmento. Sumariamente, a violência que se aprende pelos jornais é a violência visível, aquela que pode ser encenada ou dramatizada.

Na televisão e na mídia, ou seja, nas narrativas alimentadas pelo entretenimento, e pela mídia, se encena e se neutraliza o mal-estar do medo, por isso a mídia tem tanta atração pela narrativa da violência. Mas essa resolução é imaginária, a verdadeira resolução da violência, do problema da violência e da crueldade ou é política ou não haverá solução (SODRÉ, 2006, p. 41).

Sob tal perspectiva, a seguir será apresentado um mapeamento de como os jornais impressos e televisivos na Grande Vitória lançam suas narrativas sobre a violência, especialmente aquela relacionada às juventudes. Há o interesse de

---

compreender com que frequência e de que maneira os jovens são apresentados pelos veículos.

### **AS JUVENTUDES PRESENTES NOS TELEJORNALIS CAPIXABAS: ES1, TRIBUNA NOTÍCIAS E RONDA GERAL**

Para compreender como as juventudes são evidenciadas pelas mídias televisiva e impressa capixaba, o material da pesquisa foi codificado com base na metodologia de Análise de Conteúdo desenvolvida por Laurence Bardin (1977). Em especial, foi usado o conceito de categorização semântica sugerido pela autora, optando pela análise dos conteúdos que abordam as juventudes.

Em relação às mídias televisivas, a pesquisa empírica desenvolvida buscou analisar os telejornais *Ronda Geral e Tribuna Notícias 1*, da TV Tribuna (filiada do SBT no Espírito Santo), o *ES1*, telejornal da Rede Gazeta (filiada da Globo no estado) e o *Balanço Geral*, da TV Vitória, afiliada da Rede Record. Ambos os telejornais são exibidos durante o horário do almoço. A TV Capixaba não está presente na pesquisa, pois não tem exibição de telejornal na hora do almoço.

O *Balanço Geral ES* é transmitido pela TV Vitória, afiliada da TV Record no Espírito Santo. Sua exibição ocorre de segunda a sábado, a partir das 11h50, e termina às 14h10. O programa está no ar desde junho de 2009 no Espírito Santo.

O *Ronda Geral* é transmitido pela TV Tribuna, afiliada do SBT no estado, de segunda a sexta-feira, às 12h35, e está no ar desde novembro de 2013. O programa tem duração de 30 a 33 minutos diários.

O *ES 1* é um telejornal também da hora do almoço, transmitido pela TV Gazeta, afiliada da TV Globo no Espírito Santo, exibido de segunda a sábado. Tem duração de 50 minutos. Philipe Lemos e Rafaela Marquezini apresentam o telejornal de segunda a sexta.

O *Tribuna Notícias 1ª edição*, é transmitido pela TV Tribuna, afiliada do SBT, desde 2001. O telejornal antecede o *Ronda Geral* na programação da TV Tribuna e tem 50 minutos de duração. Assim como o *ES1*, é apresentado por um homem e uma mulher, George Bitti e Bruna Maria.

---

Duas semanas foram analisadas, a última semana de março de 2019, e a segunda semana de abril de 2019. O recorte foi realizado visando a um período sem acontecimentos como férias ou feriados para que a cobertura dos telejornais fosse a mais factual possível, para que os dados não fossem comprometidos. Foi realizada a análise das matérias inseridas dentro da editoria de Polícia dos telejornais. Ao todo, foram analisadas 117 matérias com a participação dos jovens.

Para auxiliar na categorização das matérias, foi utilizada a idade dos jovens de 15 a 29 anos, com base na definição realizada no Estatuto da Juventude (2013) e pelo IBGE (2003), e quando a idade não foi divulgada, a palavra “jovem” ou “adolescente” contou para determinar.

Durante as duas semanas analisadas, as juventudes estiveram presentes em cerca de 30% dos telejornais. O *Balanço Geral* apresentou o maior número de matérias com jovens, todas na editoria de polícia, foram 52 matérias. O *Ronda Geral* exibiu 13 matérias com jovens, e 28 matérias sem jovens, 33% das matérias com jovens e 77% sem jovens. O *ESI* apresentou 37 matérias com jovens e 65 matérias sem jovens, o que representa 36% de matérias com jovens e 64% sem jovens. O *Tribuna Notícias1* exibiu 33 matérias com jovens e 100 matérias sem os jovens, o que mostra um percentual de 25% de pautas com jovens e 75% sem jovens. Praticamente em todos os telejornais, a metade das matérias exibidas são sobre as juventudes, apenas o *Tribuna Notícias1* que apresentou um número maior para matérias sem os jovens.

Com relação ao sexo dos jovens, os dados apontam que a maioria dos jovens são do sexo masculino, o que representa cerca de 85% das matérias, já as jovens são cerca de 15%. A partir da análise pode-se afirmar que os telejornais quase não apresentam as mulheres em suas matérias sobre juventudes. A frequência do sexo masculino nas reportagens é muito maior.

Outra categoria de análise foi a identificação de cor e raça dos jovens presentes nas matérias. A identificação teve como base as categorias utilizadas pelo IBGE (2003). Durante as duas semanas de análise, observou-se que nos três telejornais, a maioria dos jovens eram negros. É válido ressaltar que em algumas matérias não foi possível identificar a cor das pessoas, já que elas não apareceram nas imagens.

Os dados mostram que o jovem negro é o protagonista das matérias policiais. No *Balanço Geral* 53% dos jovens são negros contra 10% de jovens brancos. No *ESI* os

jovens negros são 44% contra 23% de jovens brancos. Já no *Ronda Geral*, são 53% negros e 26% jovens brancos. O *Tribuna Notícias 1* apresentou 54% dos jovens negros e 22% de jovens brancos. Em um panorama geral, os três telejornais apresentam em suas matérias policiais o percentual de 49% de jovens negros e 22% de jovens brancos. Também entrou na análise os jovens pardos e sem identificação.

De acordo com o *Guia de Referência para Cobertura Jornalística: Adolescentes em conflito com a Lei*, produzido pela ANDI (2012), as coberturas jornalísticas sobre adolescentes infratores não focam na perspectiva étnico-racial:

No que se refere aos aspectos de raça/etnia, o levantamento revela ser praticamente inexistente nos meios impressos a vinculação de problemática dos adolescentes em conflito com a lei e questões étnico-raciais. Segundo os dados coletados, 99,2 % dos textos não relacionam esses garotos e garotas a agrupamentos desse tipo (ANDI, 2012, p.66).

Mesmo sendo um trabalho publicado em 2012, e voltado para crianças e adolescentes em conflito com a lei, o Guia continua atual e aplicável também para as questões voltadas para as juventudes. As matérias sobre as juventudes não trabalham as questões raciais, o que pode tornar natural que as pessoas não se incomodem ou não percebam que diariamente jovens negros são vítimas ou agentes das violências, quando esse fato não é natural e muito menos aceitável.

Nas matérias da editoria de polícia foi analisado se o jovem era vítima ou agente da violência. Algumas matérias contavam com a presença de mais de um jovem, portanto, em certas matérias, há jovem como agente e vítima.

Os jovens são exibidos na maioria das matérias como agentes de algum tipo de violência, homicídio, latrocínio, roubo. O *Balanço Geral* apresentou o jovem como agente 30 vezes e 21 como vítima. O *ESI* apresentou o jovem 17 vezes como agente e dez vezes como vítima. No *Tribuna Notícias 1*, o jovem agente esteve presente em 17 matérias, e em 14 matérias como vítima. O *Ronda Geral* registrou o mesmo número de jovens vítimas e agentes, em ambos a frequência foi de seis vezes.

Rafael Paes Henriques e Gabriela Vasconcelos Soares Costa (2016) realizaram um estudo sobre a representação da população negra no telejornalismo capixaba que mostra como o espaço destinado ao negro é desqualificado:

Num mundo cada vez mais tecnológico e pautado por imagens, a representatividade é determinante para o reconhecimento da identidade e do valor de um grupo que está inserido nessa lógica. E o negro, nas escassas vezes em que aparece na mídia, ainda é retratado como um cidadão de segunda classe. Essa postura reforça a ideia de que ele existe apenas para ser

---

um personagem secundário num mundo onde o branco é sempre o protagonista (COSTA; HENRIQUES, 2016, p. 4).

Na maioria das matérias em que os jovens são representados, eles aparecem como suspeitos de algum tipo de violência, o que elimina as outras possibilidades dessas juventudes aparecerem para a sociedade. O telejornalismo representa grande influência no imaginário das pessoas. Os jovens negros sendo relacionados às violências contribui para que essa população seja julgada e estigmatizada.

Durante as duas semanas de análise foram estudados os locais das coberturas jornalísticas. Apenas as matérias ocorridas na Grande Vitória foram analisadas. Os municípios com maior número de matérias policiais foram Vitória, Vila Velha, Cariacica e Serra. Guarapari e Viana receberam pouco destaque e Fundão não apareceu na análise com matéria sobre violência, apenas em uma matéria de educação.

O município de Vitória foi destaque nos noticiários durante as semanas da análise. *O Balanço Geral* exibiu 15 matérias. O *ES 1* exibiu dez matérias em Vitória, o *Tribuna Notícias* onze matérias, e o *Ronda Geral* apenas três. O município da Serra foi local de cobertura jornalística 11 vezes no *Balanço Geral*, sete vezes no *Ronda Geral*, seis vezes no *Tribuna Notícias 1* e cinco vezes no *ES1*. Cariacica foi destaque seis vezes no *ES1* e quatro vezes no *Tribuna Notícias 1*, já o *Ronda Geral* não apresentou cobertura no município. Vila Velha foi local de cobertura 12 vezes no *Balanço Geral*, em cinco coberturas no *Tribuna Notícias 1*, quatro no *ES 1* e nenhuma no *Ronda Geral*. Viana foi destaque nos quatro telejornais, mas com pouca frequência. Uma vez em cada um dos três noticiários. Guarapari foi destaque no *Tribuna Notícias 1* em três matérias, e apenas uma vez no *ES 1* e no *Balanço Geral*.

A maioria das coberturas ocorreram em locais periféricos dos municípios, como morros, bairros populares, mas também em bairros nobres como algumas ocorrências na Enseada do Suá e Mata da Praia, em Vitória.

## **AS JUVENTUDES VULNERÁVEIS E OS JORNAIS IMPRESSOS**

Ao lançar uma análise sobre a juventude inserida nas áreas de vulnerabilidade do Espírito Santo é necessário, em um primeiro momento, pontuar que localidades se inserem nessa categoria. Assim sendo, foram analisadas as coberturas jornalísticas referentes aos 18 bairros da Região Metropolitana da Grande Vitória que se enquadram

---

no Ocupação Social - política prioritária que articulada junto ao setor privado, aos poderes públicos e a sociedade atividades para o público jovem de baixa renda, marcado pela espiral de violência urbana e morador de áreas de alta vulnerabilidade social (SEDH, 2017).

O corpus de pesquisa é composto pela análise das editorias de Polícia/Segurança, das edições dos jornais impressos *A Gazeta* e *A Tribuna* durante o ano de 2016. Ambos são os veículos em atividade mais antigos do estado. *A Gazeta*, criada em 1928 foi adquirida em 1940 pelo ex-senador do Espírito Santo, Carlos Lindenberg (grupo que até hoje detém sua direção). *A Tribuna* foi criada em 1938 e passou por algumas mudanças de gestões até 1968, quando o Grupo João Santos adquire o jornal e passa a mantê-lo até os dias atuais.

Foram escolhidos os conteúdos que abordavam nas manchetes as terminologias “jovem”, “jovens”, “juventude” e “juventudes”. Como resultado total foram encontradas 35 ocorrências sobre as juventudes inserida nas áreas de vulnerabilidade no Espírito Santo – quatro delas em *A Gazeta* e 31 em *A Tribuna*.

A discrepância nos números reflete sobre a linha editorial dos veículos, mas também sobre a forma como os jornais dispõe e apresentam seus conteúdos. Enquanto *A Gazeta* opta por divulgar conteúdos policiais mais extensos (das sete ocorrências apenas uma é nota), *A Tribuna* cria quase metade de suas ocorrências com notas de rodapé (15 notas em 33 ocorrências). Quando se compara os conteúdos divulgados sobre os jovens nos jornais capixabas nota-se que, especialmente em relação às narrativas policiais, há diferença de posicionamento. O jornal *A Tribuna* opta por ser mais descritiva, mapeia o passo a passo do crime e oferece detalhes como a quantidade de tiros, por exemplo. Em alguns casos até divulga trechos de entrevistas com os jovens suspeitos presos. Enquanto isso, em *A Gazeta* não há a opção por esse tipo de detalhamento.

Outro ponto relativo à cobertura dos jornais sobre os jovens é a relação estabelecida entre a violência e a juventude. Somente cinco das 40 ocorrências registradas pelos jornais não estavam nos cadernos de Polícia/Segurança. E mesmo que entre as cinco encontradas em Cidades o mote do conteúdo não fosse diretamente sobre violência, esta acabava por permear as narrativas sobre os jovens de alguma maneira. Exemplo disso é a notícia “Cursos para 440 jovens de 5 bairros com mais crimes” (*A GAZETA*, 2016)

---

publicada em julho de 2016 por *A Gazeta*. Os jornais buscam divulgar as oportunidades de empregos e cursos para os jovens como alternativa para livrá-los da criminalidade.

Sobre a abordagem das juventudes vulneráveis nos jornais impressos é possível mapear que, majoritariamente eles são apresentados como vítimas da violência. Das quatro ocorrências policiais em *A Gazeta* em todas elas os jovens foram vítimas. Em *A Tribuna* houve casos em que os jovens eram tanto agentes quanto vítimas da violência em um mesmo conteúdo. Assim sendo, nas 31 ocorrências policiais por 29 vezes os jovens foram vítimas e quatro vezes foram os agentes da violência.

É encontrada discrepância também na abordagem dos jornais no que diz respeito ao sexo dos jovens. Em *A Gazeta* homens são apresentados como vítimas por três vezes, enquanto as mulheres em apenas um. Já em *A Tribuna* em 25 ocasiões os homens foram vítimas e em quatro foram agentes da violência. As mulheres só aparecem em quatro notificações, todas como vítimas.

Convém, portanto, refletir para além de uma violência relativa ao tráfico e/ou patrimonial, por exemplo, e pensar também na violência de gênero. Isso, porque, somadas todas as ocorrências em que as mulheres aparecem como vítimas – totalizando seis casos nos jornais – em apenas uma dessas ocasiões elas não foram vítimas de violência doméstica. Ao contrário dos jovens do sexo masculino que muitas vezes são apresentados perdendo suas vidas para o crime ou para adversários exteriores, as jovens das áreas vulneráveis da Grande Vitória são apresentadas perdendo a vida para os seus próprios companheiros.

Refletir a respeito da cobertura sobre os jovens na região da capital do Espírito Santo perpassa também por discutir a maneira como os jornais os tratam em seus conteúdos. Por vezes, ao narrar sobre os jovens que cometem crimes, especialmente em *A Tribuna* são encontrados termos como “criminoso” e “bandido”. Com tais ações os jornais corroboram para a estigmatização de pessoas e grupos sociais – neste caso os jovens moradores dos territórios vulneráveis que, muitas vezes no seu dia a dia, já lidam com o preconceito.

A discussão sobre a violência relacionada aos jovens ocorre de forma fragmentada (quando ocorre). Os eventos são resumidos em notas e notícias que, em síntese, buscam acionar a polícia para explicar os acontecimentos diários. Das 40

---

ocorrências encontradas nos dois jornais, em 37 a polícia aparece como fonte. Dentre essas em 22 casos a polícia é a única fonte de informação.

Pouco se discute sobre a violência, especialmente aquela atinge as juventudes do estado. Essa problemática social é encarada apenas pela via de uma relação punitiva, com perseguições policiais e prisões. Carece nas abordagens jornalísticas uma problematização sobre a entrada dos jovens no mundo do crime, e, conseqüentemente, sobre os deveres do Estado em relação à essa faixa etária. Carece também a reflexão sobre as múltiplas violências que atingem os jovens, em especial a que diz respeito à violência de gênero.

## **CONCLUSÃO**

Regina Novaes (2006) pontua que analisar como as juventudes são vividas e representadas diz respeito a olhar pelos diversos aspectos desse grupo social – classe, gênero, cor e moradia. A autora compreende que os espaços onde esses sujeitos estão inseridos (seja territorialmente ou simbolicamente) reflete de forma direta nas formas como são vistos ou não (quando são estigmatizados e excluídos socialmente). Assim, ao se analisar a cobertura sobre as juventudes nos jornais televisivos e sobre as juventudes das áreas de vulnerabilidade nos impressos nota-se que os jornais vivificam aquilo que mostram as pesquisas sobre a violência no país e no Espírito Santo: as maiores vítimas dos homicídios são homens, jovens, negros e periféricos.

Nas múltiplas facetas da violência no estado os jornais apresentam os jovens como agentes e vítimas dessa problemática social. Com terminologias como “extermínio” e “execução” os veículos capixabas descrevem como os jovens perdem suas vidas – assim como muitas vezes também tiram a de seus semelhantes.

Enquanto na televisão os veículos alternam em mostrar maior quantidade de jovens atores dos crimes e/ou vítimas, no que diz respeito à juventude vulnerável apresentada nos impressos ela é quase sempre vítima da violência. Chama atenção também a problemática da violência de gênero que logo cedo acomete as relações na sociedade. Se por um lado as jovens são poucas vezes relacionadas como agentes ou vítimas do tráfico ou de crime patrimoniais, por exemplo, pelo viés dos jornais elas enfrentam a violência dentro de casa, sendo muitas vezes vítimas de feminicídio.

---

Ainda nos primeiros tópicos foi pontuada a questão da violência sistêmica na sociedade. Entender como ela perpassa a juventude e como essa problemática é tratada (ou não) pelos veículos é de fundamental importância para que soluções sejam pensadas. Enquanto o jornalismo não ocupar seu papel de questionador e fiscalizador das instituições sociais continuaremos a visualizar conteúdos descritivos sobre crimes que pouco acrescentam problematização social.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. **Retratos da Juventude brasileira**: análise de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto Cidadania/Editora Fundação Perseu Abramo, 2011.

ANDI- Comunicação e Direitos. **Adolescentes em conflito com a lei**: guia de referência para a cobertura jornalística. Brasília: ANDI, 2012.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Edição revista e atualizada. Lisboa: Edições 70, 2011.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo, Martins Fontes, 1977.

BRASIL. **Estatuto da Juventude**, Lei nº 12.852 de 05 de agosto de 2013. DOU de 06/08/2013- Brasília, DF.

BEZERRA JÚNIOR, Benilton. Pobreza, agressividade e consumo: três observações sobre a violência no Brasil. In: FEGHALI, Jandira; MENDES, Candido; LEMGRUBER, Julita (Org.). **Reflexões sobre a violência urbana**: (In)segurança e (Des)esperanças. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.

CARRANO, Paulo. **Juventudes**: as identidades são múltiplas. Revista Movimento, Faculdade de Educação da UFF, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, 2000, p. 11-27.

COSTA, Gabriela Vasconcelos; HENRIQUES, Rafael da Silva Paes. **O lugar da população negra no telejornalismo capixaba**. São Paulo: XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2016.

GERBNER, George. An institutional approach to mass communications research. In L. Thayer (Ed.), **Communication theory and research**: Proceedings of the First International Symposium (pp. 429-445). Springfield, IL: Charles C. Thomas, 1967

GERBNER, George; GROSS, Larry; SIGNORIELLI, Nancy. **Television's Mean World**: violence profile no. 14-15. The Annenberg School of Communications University of Pennsylvania Michael Morgan University of Massachusetts, 1986.

---

GROPPO, Luis Antonio. **Introdução à sociologia da juventude**. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

INSTITUTO JONES SANTOS NEVES. **Relatório jovens fora da escola**. Informações disponíveis em: <[https://sedh.es.gov.br/Media/sedh/DOCUMENTOS%202017/Relatorio\\_Jovens\\_fora\\_da\\_escola-.pdf](https://sedh.es.gov.br/Media/sedh/DOCUMENTOS%202017/Relatorio_Jovens_fora_da_escola-.pdf)>. Acesso em: 25/09/2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA- IBGE. **Síntese de indicadores sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira em 2016. Rio de Janeiro: IBGE, 2016.

IPEA. **Atlas da Violência 2020**. Rio de Janeiro: Ipea e FBSP, 2018.

NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contextos diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, M.I.M de, EUGENIO, F (orgs.). **Culturas jovens**: novos mapas de afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

ROCHA, Paula Melani; WOITOWICZ, Karina Janz. Representação de gênero na mídia: um estudo sobre imagem de homens e mulheres em jornais e revistas segmentadas. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10**. Florianópolis, 2013.

SECRETARIA DO ESTADO DE DIREITOS HUMANOS. **Ocupação Social**, 2018. Informações disponíveis em: <<https://sedh.es.gov.br/ocupacao-social-3>>. Acesso em: 30/09/2018.

SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA PÚBLICA E DEFESA SOCIAL DO ESPÍRITO SANTO- SESP. **Estatística de Homicídios**. Disponível em: <<http://pc4seg.sisp.es.gov.br/homicidio-war/xhtml/estatisticaHomicidios.jsf> > Acesso em 05 de Maio de 2018.

SODRÉ, Muniz. **Sociedade, mídia e violência**. Porto Alegre: Sulina, Edipurcs, 2002.